

HOMENAGEM A PAULO RÓNAI

PAULO RÓNAI

Nelson Ascher¹

O prestígio de um determinado ofício decorre sem dúvida do nível qualitativo em que é exercido, mas determina também este nível. Assim, a atividade de tradutor pode se tornar estimada num país ou época em decorrência de seus méritos, mas uma vez que seja estimada, ela atrairá mais gente talentosa e melhorará ainda mais. Foi o que aconteceu no último século e meio na Hungria, onde os melhores poetas e escritores passaram a considerar parte de sua obrigação cívica a transposição das obras universais em sua própria língua. Como recompensa, os leitores começaram a ver na tradução literária um trabalho de primeiríssima linha intelectual.

Quando uma série de circunstâncias felizes e infelizes se combinaram para trazer ao Brasil o húngaro Paulo Rónai, salvando-o da morte certa nos campos nazistas de extermínio, ele trouxe consigo em sua bagagem

mental, além de um invejável conhecimento de línguas vivas e mortas com suas respectivas literaturas e além do vigor característico da tradição centro-européia, essa consideração especial pelo trabalho do tradutor.

No Brasil dos anos 40 isto era novidade e, diga-se de passagem, tal noção não foi inteiramente naturalizada entre nós ainda hoje. Será necessário lembrar aqui o nome de Odorico Mendes? O maior tradutor de poesia da língua transpôs para o português todo Homero e Virgílio na segunda metade do século XIX. Em vez de ser visto como uma das glórias do idioma, seu trabalho segue sendo tratado como uma esquisitice. No Brasil, a tradução continua sendo vista como um ofício menor praticado por autores frustrados.

Ao reunir em *Escola de tradutores e A tradução vivida* seus textos ensaísticos, Ró-

Rónai introduziu no Brasil o conceito de que a tradução literária – e outras, como a técnica e a científica – era algo que merecia não somente consideração, como minucioso acompanhamento e discussão crítica e teórica. Mas a importância desses dois volumes não seria obviamente tão grande se eles não fossem antes de mais nada o complemento, ou melhor, a coroação de todo um trabalho prático de tradução, bem como da atividade editorial que na edição das obras completas de Balzac e da coleção dos prêmios Nobel se transformou numa autêntica

escola na qual outros tradutores eram orientados e iniciados numa tradição exigente e rigorosa. Em outras palavras, mas em bom português, a vinda de Rónai ao Brasil ajudou a implantar nestes trópicos um verdadeiro saber tradutório que, sem sua presença, poderia muito bem levar mais cem anos para emergir de forma autóctone.

1. Critico literário, tradutor.